



## Afinal, quem manda?

Há uma pergunta que aflora aos lábios de certas pessoas criteriosas que, não comungando em nenhum credo político, têm entretanto um grande valor — o valor de não terem a animá-las nenhum *partis-pris* político. Essa pergunta que é quase normal em quasi todos os centros de cavaço é simples, pequena, sintética: Quem manda?

Quem manda? Esta interrogação anda realmente nos lábios de quase toda a gente. Quem manda? Se nós quisermos responder com uma certa precisão a esta pergunta, não sabemos. É difícil, na situação que se atravessa, que não é carne nem peixe, devido à desorientação de Gomes da Costa e as indecisões de Mendes Cabeçadas, responder a esta pergunta.

E entretanto, toda a gente pregunta: Quem manda? E nós formulamos idêntica pergunta a nós próprios. Quem manda? Os monárquicos? Os republicanos sem filiação partidária? Os democráticos? Não sabemos responder. Temos, porém, a impressão de que, apesar de contrariados pelo ambiente, são os monárquicos que dão cartas na presente situação. Eles surgem com retratos e tudo nas colunas dos jornais a pontificar, a aconselhar, a dizer larachas, a influir, enfim, na marcha dos acontecimentos. E, quando não são os monárquicos, franca e abertamente monárquicos, que falam como se fossem donos disto, são os fascistas, aqueles homens que pontificam nas fólias conservadoras e monárquicas como se fossem monárquicos autênticos.

Há quem compare a situação de agora à dezembrista. E realmente existe um pouco de parentesco entre o movimento militar e a revolução de Sidónio Pais. Verificam-se as mesmas manobras monárquicas e reacionárias, tentando impelir os dirigentes de hoje, que não têm programa nem ideias, para um beco tortuoso de atitudes antipáticas e prejudiciais ao espírito liberal do povo trabalhador.

Por mais que nós queiramos confiar na situação presente, não há possibilidade de uma pessoa de boa fé, quer seja avançada ou retrógrada, perceber o que querem e o que pensam os actuais governantes. Mendes Cabeçadas e Gomes da Costa, partindo do princípio de que desejam acertar dentro das suas atribuições, conduzem-se de uma maneira tão dúbia que nós nunca chegamos a saber o que eles pensam nem o que eles querem realizar. Temos deles a detestável impressão de que, não tendo vontade nem pensamentos próprios, se deixam arrastar ou impelir pelas pessoas que os manejam com habilidade. Se assim é, de facto, existe um perigo suspenso sobre as liberdades populares, por quanto os monárquicos instalam-se nos ministérios, rodeiam o actual governo, soprando-lhe os ouvidos as suas ideias e métodos reacionários, e amanhã nós podemos, num regime pintado de verde e vermelho, ser governados por processos absolutamente realistas.

E' necessário que a situação se defina. Esta situação que atravessa é incerta e perigosa. Para ela continuamos a chamar a atenção do proletariado, porque não sabemos ao certo quem manda.

A quem pertence afinal a situação: aos monárquicos ou aos republicanos? Por quem somos governados? Temos a convicção de que o próprio governo, não tendo a consciência dos seus actos, também não sabe o que está a fazer.

## A questão mineira inglesa

O governo dos soviéticos acusado de subvercionar a greve

LONDRES, 11.—O ministro do Interior foi ontem interrogado na câmara dos comuns sobre a atitude do governo acírcera da contribuição feita pelo governo russo para o fundo de resistência da federação dos mineiros.

Sir William Joynson Hicks, respondendo às interrogações, declarou que os membros do governo dos soviéticos russos têm feito durante os últimos dois anos repetidas declarações públicas manifestando o seu desejo e intenção de interferir nos assuntos económicos da Inglaterra e assim tornaram bem conhecida a sua intervenção na greve geral e na greve dos mineiros.

O ministro acrescentou estar informado, por telegramas recebidos da Rússia, das consideráveis somas de dinheiro, que se elevam a centenas de milhares de libras, primeiramente enviadas a propósito da greve geral e depois à federação dos mineiros.

Sir William terminou afirmando ser o assunto de grande importância, pelo que merece da devida consideração do governo britânico, e prometendo novas declarações sobre o assunto na próxima quinta-feira.

O sr. Macdonald pediu seguidamente a palavra, perguntando como se pode afirmar que o governo russo tenha enviado fundos à federação dos mineiros para sustentar a actual greve.

O ministro do Interior respondeu ao líder trabalhista que as informações recebidas pelo ministro dos Negócios Estrangeiros são completas sobre o facto do governo russo ter enviado dinheiro para fomentar a greve geral, dinheiro que agora está sendo enviado por diversos organismos, a propósito da greve dos mineiros.

A ruptura das negociações entre patrões e operários

LONDRES, 11.—O governo foi ontem interpelado por Macdonald e por Lord Cadogan Bentinck, sobre a política governamental acírcera da falência das conversações entre patrões e operários.

Baldwin respondeu que a tarefa de ter-

nar efectivas as recomendações da comissão oficial do carvão interessava principalmente a própria indústria; o governo viu, porém, rejeitadas, as suas propostas, mas está continuando a preparar as medidas legislativas e administrativas indicadas pela comissão.

O primeiro ministro afirmou não poder fazer mais declarações, marcando a próxima terça-feira para o debate sobre a questão mineira, ocasião em que poderá responder a todas as perguntas de Macdonald.

O carvão estrangeiro

GLASGOW, 11.—Pela primeira vez, desde há cinco anos, desembocou neste porto carvão estrangeiro, em consequência da greve dos mineiros.

Os socialistas contra o acordo franco-americano

PARIS, 11.—Reuniu-se o grupo socialista, manifestando-se em oposição com o acordo franco-americano relativo às dívidas, em consequência da falta da cláusula de salvaguarda.

O grupo parlamentar apresentará uma moção convidando o governo a remediar aquela falta.

Balbúrdia na Sociedade das Nações

GENEBRA, 11.—O sr. Melo Franco, representante do Brasil na Sociedade das Nações, entregou na secretaria da Sociedade a demissão do seu paix como membro do conselho. O Brasil não deixará contudo, por este motivo, de pertencer à Sociedade das Nações. A Espanha resolveu desinteressar-se da eleição dos membros do conselho enquanto não obter nele um lugar permanente.—(H.)

Para que o mundo veja...

GENEBRA, 11.—O secretário do Partido Republicano Húngaro, filho do ex-ministro húngaro De Just, agrediu publicamente o cónsul Bethlen, nos corredores da Sociedade das Nações. O agressor, que foi imediatamente preso, declarou pretender, com o seu gesto, castigar um criminoso e encorajar a Hungria a repudiar o jugo vergonhoso de semelhante tirano, perigoso para a paz da Europa.—(H.)

## Do Comité Pró-Presos por Questões Sociais

Mais uma vez este Comité apela para todos os trabalhadores, para que hoje, sábado, não se esqueçam dos seus camaradas que se encontram presos, tirando questões nas fábricas, oficinas e outros locais de trabalho a fim de ser minorado o sofrimento daqueles que se encontram jazendo nas masmorras, devido à péssima constituição da actual sociedade.

Não esquece este Comité a maneira agradável como têm sido recebidos os seus apelos.

Neste momento este Comité vê-se forçado a apelar mais uma vez para a vossa solidariedade monetária para que amanhã não seja forçado a suspender os subsídios por falta de verba.

Auxiliar os presos é um dever de todos os produtores!

Hoje por elas amanhã por vós!  
Todas as importâncias deverão ser entregues ao Comité na sua sede, das 20 às 23 horas.

O Comité

PARIS, 11.—O jornalista georgiano soviético Yeshabely, director do "Nouvelle Georgia", que se publica em Paris e presidente do partido georgiano, foi morto a tiro por um compatriota, quando saia do palácio da Justiça.

Supõe-se que se trata dum atentado por vingança política.

Atentado político

PARIS, 11.—O jornalista georgiano soviético Yeshabely, director do "Nouvelle Georgia", que se publica em Paris e presidente do partido georgiano, foi morto a tiro por um compatriota, quando saia do palácio da Justiça.

Supõe-se que se trata dum atentado por vingança política.

## A crise no Algarve

As autoridades portuguesas estão auxiliando as "parelhas" espanholas na sua obra de extermínio, enquanto a população de Olhão se debate na mais triste das misérias

OLHÃO.—Numa das minhas crónicas sobre Olhão, quando me referia à obra de extermínio do peixe levada a efeito pelas "parelhas" espanholas, insinuei que um dos motivos, senão o principal, porque *nuestros hermanos* accionavam tão livremente era a protecção criminosa que lhes dispensavam as autoridades portuguesas. Assim é, como veremos a seguir.

Já explicámos como é exercida a pesca em todo o litoral pelas "parelhas" espanholas. Por essa explicação os leitores de *A Batalha* ficaram conhecendo que os espanhóis pescam com artes de arrasto a vapor em toda a costa, quando só poderiam pescar de seis milhas para fora da costa de Portugal, e não a poucos metros de distância da linha do litoral como às vezes fazem.

Consumiam-se, este atentado às leis que regulam o exercício da pesca, fomos procurar alguém que nos informasse como era possível, por parte dos espanhóis, essa delinqüência. E um dos nossos informadores esclareceu-nos:

— E é a que se limita a obra dos agentes encarregados da fiscalização?

— Não, senhor. Se fosse apenas este fechar os olhos ainda a coisa não seria tão revoltante...

— Então?

— Há muito pior. Os espanhóis são auxiliados pelas autoridades portuguesas na sua sinistra obra!

— ?!

— Toda a ação desenvolvida pelos tripulantes das "parelhas" é combinada com as autoridades deste país onde vivemos.

Muito indignado:

— Ainda não há muitas horas apareceu em determinado ponto da costa algum peixe. Para esse ponto convergiram os círculos portugueses na esperança de apanharem o peixe. Pois sabe o meu amigo o que sucede?

— As "parelhas" espanholas que se encontravam bastante afastadas do local onde apareceu o peixe fôrâm imediatamente avisadas.

— E quem as avisou?—preguntámos.

— Fôrâm as próprias autoridades portuguesas!

— Nomes, conhece?

— Como compreende a rede de espionagem dos espanhóis é muito extensa. Conhecer os nomes de todos os seus agentes é algo difícil.

— Explique:

— Não se pode tirar outra dedução: sendo privativo do conhecimento das autoridades encarregadas da fiscalização alguns casos, como se explica que os espanhóis, antes dos portugueses serem informados, conhecem esses mesmos casos? Não se aceitando que a telepatia possa estar no serviço dos espanhóis, facilmente se acredita, sem grandes provas jurídicas, que sejam as autoridades portuguesas címplices na obra de extermínio das "parelhas".

A terminar:

— Pode asseverar na *Batalha* que dessa fiscalização que existe na costa só aproveitam os espanhóis.

As revelações que aqui deixamos exaradas foram-nos feitas por uma criatura de reconhecida probidade e que em Olhão vive há muitos anos. Outras pessoas que as obtiveram confirmaram-no em absoluto.

Logo, da miséria que avassala as classes laboriosas desta triste vila são responsáveis algumas criaturas que pela natureza das suas funções deveriam ter uma maior integridade de carácter.

— Não se pode tirar outra dedução: sendo privativo do conhecimento das autoridades encarregadas da fiscalização alguns casos, como se explica que os espanhóis, antes dos portugueses serem informados, conhecem esses mesmos casos? Não se aceitando que a telepatia possa estar no serviço dos espanhóis, facilmente se acredita, sem grandes provas jurídicas, que sejam as autoridades portuguesas címplices na obra de extermínio das "parelhas".

A terminar:

— Pode asseverar na *Batalha* que dessa fiscalização que existe na costa só aproveitam os espanhóis.

As revelações que aqui deixamos exaradas foram-nos feitas por uma criatura de reconhecida probidade e que em Olhão vive há muitos anos. Outras pessoas que as obtiveram confirmaram-no em absoluto.

Logo, da miséria que avassala as classes laboriosas desta triste vila são responsáveis algumas criaturas que pela natureza das suas funções deveriam ter uma maior integridade de carácter.

— Não se pode tirar outra dedução: sendo privativo do conhecimento das autoridades encarregadas da fiscalização alguns casos, como se explica que os espanhóis, antes dos portugueses serem informados, conhecem esses mesmos casos? Não se aceitando que a telepatia possa estar no serviço dos espanhóis, facilmente se acredita, sem grandes provas jurídicas, que sejam as autoridades portuguesas címplices na obra de extermínio das "parelhas".

A terminar:

— Pode asseverar na *Batalha* que dessa fiscalização que existe na costa só aproveitam os espanhóis.

As revelações que aqui deixamos exaradas foram-nos feitas por uma criatura de reconhecida probidade e que em Olhão vive há muitos anos. Outras pessoas que as obtiveram confirmaram-no em absoluto.

Logo, da miséria que avassala as classes laboriosas desta triste vila são responsáveis algumas criaturas que pela natureza das suas funções deveriam ter uma maior integridade de carácter.

— Não se pode tirar outra dedução: sendo privativo do conhecimento das autoridades encarregadas da fiscalização alguns casos, como se explica que os espanhóis, antes dos portugueses serem informados, conhecem esses mesmos casos? Não se aceitando que a telepatia possa estar no serviço dos espanhóis, facilmente se acredita, sem grandes provas jurídicas, que sejam as autoridades portuguesas címplices na obra de extermínio das "parelhas".

A terminar:

— Pode asseverar na *Batalha* que dessa fiscalização que existe na costa só aproveitam os espanhóis.

As revelações que aqui deixamos exaradas foram-nos feitas por uma criatura de reconhecida probidade e que em Olhão vive há muitos anos. Outras pessoas que as obtiveram confirmaram-no em absoluto.

Logo, da miséria que avassala as classes laboriosas desta triste vila são responsáveis algumas criaturas que pela natureza das suas funções deveriam ter uma maior integridade de carácter.

— Não se pode tirar outra dedução: sendo privativo do conhecimento das autoridades encarregadas da fiscalização alguns casos, como se explica que os espanhóis, antes dos portugueses serem informados, conhecem esses mesmos casos? Não se aceitando que a telepatia possa estar no serviço dos espanhóis, facilmente se acredita, sem grandes provas jurídicas, que sejam as autoridades portuguesas címplices na obra de extermínio das "parelhas".

A terminar:

— Pode asseverar na *Batalha* que dessa fiscalização que existe na costa só aproveitam os espanhóis.

As revelações que aqui deixamos exaradas foram-nos feitas por uma criatura de reconhecida probidade e que em Olhão vive há muitos anos. Outras pessoas que as obtiveram confirmaram-no em absoluto.

Logo, da miséria que avassala as classes laboriosas desta triste vila são responsáveis algumas criaturas que pela natureza das suas funções deveriam ter uma maior integridade de carácter.

— Não se pode tirar outra dedução: sendo privativo do conhecimento das autoridades encarregadas da fiscalização alguns casos, como se explica que os espanhóis, antes dos portugueses serem informados, conhecem esses mesmos casos? Não se aceitando que a telepatia possa estar no serviço dos espanhóis, facilmente se acredita, sem grandes provas jurídicas, que sejam as autoridades portuguesas címplices na obra de extermínio das "parelhas".

A terminar:

— Pode asseverar na *Batalha* que dessa fiscalização que existe na costa só aproveitam os espanhóis.

As revelações que aqui deixamos exaradas

depósito espalhados por diversas terras de Angola. Alguns trabalham, outros morrem pelo serião...

Por dentro, este forte de São Miguel é como quais todas as casas desse género, podendo servir para muitas coisas, menos para prisão. Casas abobadadas, com pouca luz e sem o ar indispensável à vida; prisoçidade horrível e disciplina de ferro; não se pode chorar nem cantar alto. O melhor tempo que os presos passam é no trabalho, embora lhes não aprobeitem, devidamente, as profissões. Há casernas e dormitórios onde se sufoca com náuseas e calor.

O melhor — se aqui pode haver coisa boa — são as oficinas e a caserna das mulheres onde, ao menos, há aseio e luz. Nesta casa das mulheres há crianças, pequeninas, criancinhas certamente filhas que acompanharam as mães ao degrado. Estremo de terror, e passo, rapidamente, desviando os olhos destas crianças...

Nas horas vagas há muitos condenados que trabalham, e já alguns têm amealhado uma pequena fortuna...

A fortuna dos degradados...

Interessante de observar alguns trabalhos dos negros, muito atentos a fazerem esteiras de capim, quindás à riscas pintadas, maniquinhos de madeira e copos de cíco pintados. Os presos brancos também trabalham muito em marfim, fazendo grandes colares de contas, canetas e facas de papel, pulseiras, anéis, cruzes, amuletos e mil coisas delicadas.

A's vezes algum, para se distrair do trabalho, ergue um pouco mais a voz numa cantiga doente e arrastada, mas logo surgiu a ruda sentinela a intimar silêncio.

Quando foi da última leva, confaram-me que vinha lá, um rapazito ainda imberbe, tipo de estudante ou de empregado de escritório, que trazia entre as roupas da malta alguns livros e uma guitarra. Certo vez pôs-se a dedilhar, baixinho, na sua banza, a cantarolar saudades. Tiraram-lhe a guitarra, cortaram-lhe a cabeleira anelada e loura, e mandaram-no acarretar pedra para a ponte; Não vale a pena entrar em detalhes; isto é formidavelmente mau — não representa a menor defesa para a sociedade — antes é um viveiro de crime, pela falta de seleção com que vivem os condenados.

Quasi à saída, um preso mandou entre-gar-me, cuidadosamente, por um negro, um papelinho enrolado. Soube que era dos jornais e, mesmo a lápis, escreveram as suas razões, queixas tremendas, em que se fala é mau trato a condenados, de chibatadas aplicadas furiosamente em mais dum condenado, ao menor delito, coisas espantosas de que me não posso fazer eco sem averiguar.

Será verdade? O que eu sei é que o comandante do depósito, o coronel Beirão, apesar de manter disciplina de ferro, é homem de grande carácter, honrado e justo; e com certeza ignora essas barbaridades que eu penso averiguar.

Sei do forte impressionadíssimo, e não me saem do pensamento aquelas crianças que vi lá em cima, na caserna das mulheres.

Que vai ser daquelas vidas?...

### Os cárcares são verdadeiras sepulturas

Vamos ao fim desta *via sacra* — as outras prisões. Entremos agora na fortaleza de São Francisco de Penedo, outro velho, fortim militar, sentinelado do pôr do mar, e que actualmente serve de Caso de Reclusão para militares, e ao mesmo tempo é uma espécie de *Limoimor*, onde civis, pretos e brancos, cumprem pequenas penas por delitos julgados em Loanda, e aguardam barco que os transportará para a outra costa, no caso de pena maior.

A entrada é bonita, arborizada, com um pequeno parque de inofensivo aparato bélico, enfeitado de velhas peças de artilharia; tem uma bela porta braçada e vestíbulo de abóbada com seis arcarias, suspensos do teto um daqueles velhos lampões de petrólio que lembram as casernas de 1820. Tem alguns quartos regulares destinados a sargentos e oficiais, mas as prisões fechadas em abóbada, sem ar e sem luz, são detestáveis, e representam um autêntico crime.

Há uns cárcares interiores, também de abóbada, só com uma pequena fresta ao alto, que só serve excepcionalmente, mas que deviam ser demolidos.

Nada disto serve para presos de pequenos ou grandes delitos. Imagine o leitor o que será passar alguns meses dentro destas paredes, com este calor africano.

O director da fortaleza, que trata o melhor possível os presos, esforça-se por trazer aquilo muito caido, com flores mimosas num pequeno jardim, tudo muito arranjadinho, querer dizer: os presos, ao menos, aqui preparam a loucura, a biliosa, a tuberculose... mais tranquilamente...

Para o fim deixa-lhe, leitor, as impressões nervosas, rápidas, da minha visita que me dia hei de contar mais detalhadamente. Sabe o que é São Pedro da Barra? — Uma tumba infame, feita de pedra e cal, onde, às vezes por insignificantes delitos, homens vão apodrecendo, dia a dia.

Puseram muito ao largo, longe da vista e dos ouvidos da cidade, sobre as áridas e vermelhas escarpas que dominam o mar africano, certamente para que não fôssem escutados os gemidos e presencido o suplício dos que ali são enterrados vivos.

Vamos por uma linda tarde de sol, pela estrada que sai de Loanda, entre alfitismos morros vermelhos e o mar. Vão comigo os meus amigos Virgílio Cidral e Valaré Olmo, artistas desenhadores que vincerão com seus lápis vigorosos a melhor lembrança desta romaria macabra; vão também: o capitão Bacelar, que gentilmente se quis encarregar do volante, e o meu patrício tenente Cabrita que aqui exerce o simpático cargo de defensor oficioso dos presos militares. O melhor elogio a fazer destes dois oficiais e da sua inteligência é o dizer que eles próprios me declararam a sua discordância absoluta por tal regime prisional sem a menor utilidade.

Depois dos subúrbios de Loanda, seguindo pela estrada poenteira, deixando atrás o bairro do Caminho de Ferro, os acampamentos do Petróleo e Companhia de Fósforos, andados alguns quilómetros de estrada, já na região do Cauquaco, paisagem arida estalada de sol, com iboneiros e cactos-kandelabros, surge a mancha esbranquiçada da fortaleza de São Pedro da Barra.

Foi mandada fazer em 1703 por D. Pedro II, e largaram as suas fundações o Senado Municipal e o capitão general do Reino de Angola. Com os outros fortes, completa a defesa do pôrto; hoje é sede da Companhia Disciplinar de Angola, onde 180 homens, todos moços, pagam com alguns anos pequenas faltas cometidas no Exército.

Nas casernas, cã em cima, sem quaisquer condições higiênicas, os homens asfixiam de calor, amarelecem de palustismo, apodrecem de estagnamento. Lá em baixo, nos cárcares subterrâneos cavados nas mura-

### Ecos dos acontecimentos

#### Um boato que se não confirma

A cidade foi ontem alarmaada por boatos que correram com insistência sobre a atitude hostil que tomariam as tropas que ainda estão acampadas em Sacavém, em relação ao actual governo. Dizia-se que elas tinham enviado um *ultimatum* e que no caso dele não ser aceite invadiriam Lisboa e iriam ao Terreiro do Paço impor a sua vontade.

Visito esses cárcares imundos, estreitos, onde, depois de corrida a porta, se mergulha em trevas — oito lampentes de gente estirada, a tremer de febre, que nem já se encara a luz; os olhos são fundos; os rostos amarelos e bacos; a barba rala, e examinam um cheiro horrível que nos fazem vomitar. Deitado no chão lembra-me dum homem ruivo, pouco mais de vinte anos, que chorava e dava gritos, tendo um cão-berto esfarrapado a cobrir-lhe o corpo nu; dois presos trabalham a um canto, onde há um reflexo de luz, em coisas de marfim, um outro, que tem o nome de Sávio Rafael Rodrigues, entregou-me, timidamente, um memorial e pede protecção, dizendo-me que desertou da tropa e foi condenado em 6 anos, tendo exemplar comportamento. E tudo acabou em bem.

A pasta do comércio foi preenchida pelo sr. Artur Gaudêncio de Passos e Sousa e o sr. Oliveira Salazar aceitou a das finanças, ficando assim arredada a hipótese Sinel de Cordeiro, tão do agrado dos monárquicos.

#### Pedindo um administrador

Conferenciei com o general Gomes da Costa uma comissão de funcionários telegráficos, que lhe foi pedir para ser nomeado administrador geral daqueles serviços uma entidade de reconhecida competência, mas que seja alheio à política. O sr. general respondeu que tratasse do assunto em questão com o sr. Mendes Cabedas, ministro interino do Comércio.

#### Os primeiros benefícios

Informam da Arcada:

«Vai ser publicado um decreto abrindo um crédito a favor dos ministérios da guerra e da marinha, para pagamento das despesas com a deslocação de fôrças.»

#### Valerá a pena comentar?

Foi nomeado para fazer parte do conselho superior de disciplina do exército o ex-comandante geral da Guarda Republicana, general sr. Vieira da Rocha.

#### O governo das colónias

Nada está assente sobre a nomeação de governadores para as nossas colónias, a não ser para a de Cabo Verde, que, nos consta já está escolhido o oficial que há-de ir governá-la.

#### Em Vendas Novas

VENDAS NOVAS, 10. — Após o movimento militar, que manteve por alguns dias esta vila num estado bélico, tudo voltou à normalidade.

Já não fervilham aqueles boatos de tôda a espécie que punham tudo isto numa verdadeira confusão.

Já não se vêem alguns oficiais ao sócio, por discordância de tendências.

Já não se vê também um certo reaccionário cá do burgo, acusador de alguns revoltosos de 2 de Fevereiro conduzindo oficiais no seu automóvel, por lhe parecer que se tratava de uma restauração monárquica, ou, quando menos, de uma Rivarada.

Já não se vê esse mesmo reaccionário, em companhia de alguns cumplices que bebem água da quinta do Rebelo, cortando as linhas telegráficas nas proximidades desta vila.

Emfim, parece estar tudo sossegado, pelo menos... na aparença.

Há por aqui quem afirme que ainda estamos apenas no fim do primeiro acto.

Indiferentes a toda a política, mas atentos nas poucas regalias que disruptivam, aguardam os acontecimentos, para nos pronunciarmos na devida altura, se tanto for.

É o perfeito enterroamento do homem vivo.

Arripio-me que é a prisão destinada a somos, ou se leio páginas dum qualquer romance tético. A esta coisa infame, devido à sua configuração geométrica, chamam «ferros de engomar».

Fico lá dentro um momento e peço que corram a porta, para experimentar a impressão. Sinto que endoideceria se aqui estivesse muitas horas.

Explícame-me que é a prisão destinada a somos, e se leio páginas de um certo reaccionário que dize alguma aos meus ouvidos. Como o comandante da fortaleza autoriza, avançamos sempre. Ao fundo do pátio, cavados nas muralhas, vamos encontrar pequenos vãos triangulares, onde não há luz, nem ar, nem mais respeito do que a das frinchas numa porta estreita: que dá entrada para estas prisões, onde o indivíduo vive perfeitamente entrapado, sem uma pedra, ao menos, onde repousar!

E o perfeito enterroamento do homem vivo.

Arripio-me e pregunto a mim próprio se somos, ou se leio páginas dum qualquer romance tético. A esta coisa infame, devido à sua configuração geométrica, chamam «ferros de engomar».

Fico lá dentro um momento e peço que corram a porta, para experimentar a impressão. Sinto que endoideceria se aqui estivesse muitas horas.

Explícame-me que é a prisão destinada a somos, e se leio páginas de um certo reaccionário que dize alguma aos meus ouvidos. Como o comandante da fortaleza autoriza, avançamos sempre. Ao fundo do pátio, cavados nas muralhas, vamos encontrar pequenos vãos triangulares, onde não há luz, nem ar, nem mais respeito do que a das frinchas numa porta estreita: que dá entrada para estas prisões, onde o indivíduo vive perfeitamente entrapado, sem uma pedra, ao menos, onde repousar!

E o perfeito enterroamento do homem vivo.

Arripio-me e pregunto a mim próprio se somos, ou se leio páginas de um certo reaccionário que dize alguma aos meus ouvidos. Como o comandante da fortaleza autoriza, avançamos sempre. Ao fundo do pátio, cavados nas muralhas, vamos encontrar pequenos vãos triangulares, onde não há luz, nem ar, nem mais respeito do que a das frinchas numa porta estreita: que dá entrada para estas prisões, onde o indivíduo vive perfeitamente entrapado, sem uma pedra, ao menos, onde repousar!

E o perfeito enterroamento do homem vivo.

Arripio-me e pregunto a mim próprio se somos, ou se leio páginas de um certo reaccionário que dize alguma aos meus ouvidos. Como o comandante da fortaleza autoriza, avançamos sempre. Ao fundo do pátio, cavados nas muralhas, vamos encontrar pequenos vãos triangulares, onde não há luz, nem ar, nem mais respeito do que a das frinchas numa porta estreita: que dá entrada para estas prisões, onde o indivíduo vive perfeitamente entrapado, sem uma pedra, ao menos, onde repousar!

E o perfeito enterroamento do homem vivo.

Explícame-me que é a prisão destinada a somos, e se leio páginas de um certo reaccionário que dize alguma aos meus ouvidos. Como o comandante da fortaleza autoriza, avançamos sempre. Ao fundo do pátio, cavados nas muralhas, vamos encontrar pequenos vãos triangulares, onde não há luz, nem ar, nem mais respeito do que a das frinchas numa porta estreita: que dá entrada para estas prisões, onde o indivíduo vive perfeitamente entrapado, sem uma pedra, ao menos, onde repousar!

E o perfeito enterroamento do homem vivo.

Explícame-me que é a prisão destinada a somos, e se leio páginas de um certo reaccionário que dize alguma aos meus ouvidos. Como o comandante da fortaleza autoriza, avançamos sempre. Ao fundo do pátio, cavados nas muralhas, vamos encontrar pequenos vãos triangulares, onde não há luz, nem ar, nem mais respeito do que a das frinchas numa porta estreita: que dá entrada para estas prisões, onde o indivíduo vive perfeitamente entrapado, sem uma pedra, ao menos, onde repousar!

E o perfeito enterroamento do homem vivo.

Explícame-me que é a prisão destinada a somos, e se leio páginas de um certo reaccionário que dize alguma aos meus ouvidos. Como o comandante da fortaleza autoriza, avançamos sempre. Ao fundo do pátio, cavados nas muralhas, vamos encontrar pequenos vãos triangulares, onde não há luz, nem ar, nem mais respeito do que a das frinchas numa porta estreita: que dá entrada para estas prisões, onde o indivíduo vive perfeitamente entrapado, sem uma pedra, ao menos, onde repousar!

E o perfeito enterroamento do homem vivo.

Explícame-me que é a prisão destinada a somos, e se leio páginas de um certo reaccionário que dize alguma aos meus ouvidos. Como o comandante da fortaleza autoriza, avançamos sempre. Ao fundo do pátio, cavados nas muralhas, vamos encontrar pequenos vãos triangulares, onde não há luz, nem ar, nem mais respeito do que a das frinchas numa porta estreita: que dá entrada para estas prisões, onde o indivíduo vive perfeitamente entrapado, sem uma pedra, ao menos, onde repousar!

E o perfeito enterroamento do homem vivo.

Explícame-me que é a prisão destinada a somos, e se leio páginas de um certo reaccionário que dize alguma aos meus ouvidos. Como o comandante da fortaleza autoriza, avançamos sempre. Ao fundo do pátio, cavados nas muralhas, vamos encontrar pequenos vãos triangulares, onde não há luz, nem ar, nem mais respeito do que a das frinchas numa porta estreita: que dá entrada para estas prisões, onde o indivíduo vive perfeitamente entrapado, sem uma pedra, ao menos, onde repousar!

E o perfeito enterroamento do homem vivo.

Explícame-me que é a prisão destinada a somos, e se leio páginas de um certo reaccionário que dize alguma aos meus ouvidos. Como o comandante da fortaleza autoriza, avançamos sempre. Ao fundo do pátio, cavados nas muralhas, vamos encontrar pequenos vãos triangulares, onde não há luz, nem ar, nem mais respeito do que a das frinchas numa porta estreita: que dá entrada para estas prisões, onde o indivíduo vive perfeitamente entrapado, sem uma pedra, ao menos, onde repousar!

E o perfeito enterroamento do homem vivo.

Explícame-me que é a prisão destinada a somos, e se leio páginas de um certo reaccionário que dize alguma aos meus ouvidos. Como o comandante da fortaleza autoriza, avançamos sempre. Ao fundo do pátio, cavados nas muralhas, vamos encontrar pequenos vãos triangulares, onde não há luz, nem ar, nem mais respeito do que a das frinchas numa porta estreita: que dá entrada para estas prisões, onde o indivíduo vive perfeitamente entrapado, sem uma pedra, ao menos, onde repousar!

E o perfeito enterroamento do homem vivo.

Explícame-me que é a prisão destinada a somos, e se leio páginas de um certo reaccionário que dize alguma aos meus ouvidos. Como o comandante da fortaleza autoriza, avançamos sempre. Ao fundo do pátio, cavados nas muralhas, vamos encontrar pequenos vãos triangulares, onde não há luz, nem ar, nem mais respeito do que a das frinchas numa porta estreita: que dá entrada para estas prisões, onde o indivíduo vive perfeitamente entrapado, sem uma pedra, ao menos, onde repousar!

E o perfeito enterroamento do homem vivo.

Explícame-me que é a prisão destinada a somos, e se leio páginas de um certo reaccionário que dize alguma aos meus ouvidos. Como o comandante da fortaleza autoriza, avançamos sempre. Ao fundo do pátio, cavados nas muralhas, vamos encontrar pequenos vãos triangulares, onde não há luz, nem ar, nem mais respeito do que a das frinchas numa porta estreita: que dá entrada para estas prisões, onde o indivíduo vive perfeitamente entrapado, sem uma pedra, ao menos, onde repousar!

E o per

## MARCO POSTAL

Belojós. — José Abrantes. — Recebemos vale do correio de 25\$00. Foi engano no recibo que foi à cobrança. Dessa importância 19\$00 pagou a sua assinatura de Abril e Maio e os restantes 6\$00 pagou a «Renovação» de José Borges Loureiro, igualmente de Abril e Maio, p. p. Está bem o que diz na sua carta.

Paredes. — Construção Civil. — Recebemos 38\$00, produto dum benefício pró-presos.

Amareleja. — Francisco Grasso das Reis. — Recebemos vale do correio. A sua assinatura na «Renovação» paga até 30 de Junho, corrente, e a do Diário e Suplemento até 31 de Março, p. p.

Terrugem. — José António Saraiva. — Recebemos 19\$00. Pagou a assinatura até 20 do corrente.

Mértola. — Manuel dos Santos. — Recebemos 19\$00. Pagou a assinatura até 31 de Maio, p. p.

## AGENDA

CALENDÁRIO DE JUNHO

D.	6	3	20	27	HOJE	àS SOL
S.	7	4	21	28	Aparece	às 5,11
T.	8	5	22	29	Desaparece	às 20,1
Q.	9	6	23	30	FASE DA LUA	
Q.	10	7	24	1	1. C. dia 27 às 11,49	
S.	11	8	25	2	2. M. dia 28 às 3,15	
S.	12	9	26	3	3. N. dia 29 às 22,55	
S.	13	10	27	4	4. O. dia 30 às 17,48	

## MARES DE HOJE

Fraijamar às 4,02 e às 4,22

Barxamar às 9,32 e às 9,52

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	—	—
Madrid cheque.	298	—
Paris, cheque...	558	—
Suíça, ...	378,5	59
Bruxelas cheque	559	—
New-York, ...	1955	—
Amsterdão, ...	786	—
Itália, cheque...	371,5	—
Brasil, ...	305	—
Praga, ...	558	—
Suécia, cheque.	524	—
Austria, cheque	277	—
Berlim, ...	467	—

## ESPECTÁCULOS

TEATROS  
Braga — Antepeça.  
Ermesinde — Às 21,45 — O célebre Pina.  
Funchal — Às 21,45 — O Santo António.  
Trindade — Às 21,30 — O homem das 5 horas.  
Faro — Às 20,45 e 22,45 — «Fox-Trot».  
Peniche — Às 21,45 — O Dr. Mula Ruas.  
Lisboa — Às 20,30 e 22,30 — Foot-Ball.  
Salão São — Às 21,45 — Variadão.  
Cinema — Licença à Graça — Espectáculos às 21,45, sábados e domingos com anuacines.  
Peniche — Parque — Todas as noites. Concertos: ...  
CINEMAS  
Tivoli — Olympia — Condes — Chiado Terceiro — Ideal — Oceano — Promotora — Esperança — Torreiro — Cine Paris.

## Horário de trabalho

## As disposições legais

A secção editorial de «A Batalha» acaba de editar, em Lisboa, o decreto 558/6, de 7 de Maio de 1919 e respetivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho e seu prazo de avaliação.

Aos sindicatos que desejarem anular quaisquer disposições que estejam em contrário ao estabelecido no prazo e tempo estabelecidos.

Peçam a administração de «A Batalha»

CONSELHO TÉCNICO  
DA  
CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e marmores de todas as províncias.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:  
Calçada do Combro, 38-A, 2º

**E' bom beber mas...**  
**Sabendo o que se bebe**  
**Sabendo quanto se bebe**

Procurai com confiança qualquer FILIAL da  
**Empreza Val do Rio J. or**  
(RECONSTITUIDA)

**VINHOS, AZEITES, VINAGRES**  
**OS MELHORES**

PEDIDOS E RECLAMAÇÕES:  
**RUA DOS FANQUEIROS, 150, 1.º**  
Telefone 207 C.

**O AUTOMÓVEL SÓ ERA  
ACESSIVEL AOS RICOS**  
**A Cooperativa Lisbonense**  
**de Chauffeurs**  
**PROLETARIZOU-O**

Por isso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxi «Citroën» (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528  
Escritório e Garage: Rua Almirante Barroso, 21

**FATOS**  
completos e  
sobretudos

em bom cheviote, com bons  
forros e bom acabamento,  
para homem, desde

**129\$00**

Calças desde **35\$00**

Grande sortido de fatos e sobre-  
tudos, feitos e por medida

batiemtos para revenda

170, Rua da Boa Vista, 172

**BOTAS**

CALÇADO À PREÇO DE REVENDA

E SECÇÃO DE CHAPELARIA

Tudo barato

Sapatos para senhora desde..... 4500

Botas para homem em vela preta desde..... 5000

Botas para homem forma da moda cor ou preta a..... 7500

Sapatos verniz senhora a..... 6000

Sapatos crepe céilas última moda..... \$

Grandes quantidades e variedade de calçado de crianças.

Grande stock de sandálias.

Dá-se um brinde, a quem comprar

nesta casa e apresente este anúncio.

Vê os preços de sensação nas nos-  
sas mostras.

**SAPATARIA BRASIL**

206, Rua da Madalena, 212

**Educação Social**

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Límit. — R. dos Rezendeiros, 125 — LISBOA.

A venda na administração de «A Batalha».

**Policlínica da Rua do Ouro**

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Neri

Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.

Reumatismo — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.

Pele e sifilis — Dr. Correia Figueiredo — II e às

5 horas.

Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. L. L.

Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.

Gastroenterologia — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.

Estomago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 5 horas.

Doenças das senhoras — Dr. Emílio Paiva — 2 horas.

Doenças das crianças — Dr. Filipe Manso — 12 horas.

Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 5 horas.

Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.

Câncer e radio — Dr. Cabral do Melo — 4 horas.

Ruth X — Dr. Atéu Sampaio — 4 horas.

Analises — Dr. Gábriela Beato — 4 horas.

**PEDRAS "METAL AURE"**

PARA ISQUEIROS

VENDEM-SE NO LATTA, DO LARGO

DO CONDE BARÃO, 55

Duzia \$40; 100, \$280; mil, \$2500

Pedra grande, dúzia, \$80

A VENDA a 10.ª SÉRIE

DE OS MISTÉRIOS DO PÓVO

Interessante romance histórico profi-  
sionalmente ilustrado desde as primeiras

idades do homem até à revolução

Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10

tomos com cerca de 320 páginas \$600.

A obra mais barata que no gênero se publica

**MELINA**

É O MELHOR

MATA FORMIGAS

A venda em toda a parte

DEPÓSITO GERAL:

Fernandes Almeida & C. Lím.

Rua da Largo do Corpo Santo, 10, 1.º — Lisboa

Telefone C. 2422

Agentes no Funchal

ELMANO S. GOMES

R. do Coronel Cunha, n.º 53

**LIMAS, NACIONAIS**

Só a grande fábrica em Portugal

é que produz limas de ferro

que não se usam em Portugal

# A BATALHA

O único meio do homem conservar a sua liberdade, é estar sempre disposto a morrer por ela.—DIOGENES.

## O "Nero" e o governo revolucionário

E' preciso fazer um rigoroso inquérito à sua ação despótica e esbanjadora, anular todas as perseguições feitas a propósito do conflito ferroviário e demitir os Secretários Provinciais

Os corifeus da revolução triunfante não se têm cansado de repetir que querem viver nas melhores relações com a massa proletária; e, a esse propósito, aos ventos da publicidade têm atirado com as mais vagas e as mais belas palavras.

Não se vive, porém, de palavras:—Querem-se factos concretos, realidades que traduzam a sinceridade das afirmações lançadas para a imprensa; e se o novo governo tivesse pressa de iniciar uma era de moralidade e de justiça, uns dos primeiros actos a praticar seria o de anular todas as perseguições, todos os processos, todas as extorsões cometidas por este "Nero" a propósito da greve ferroviária de Lourenço Marques, repondo os operários nos seus antigos lugares e demitindo os Secretários Provinciais, tenebrosas figuras que se movimentaram em volta do Palácio da Ponta Vermelha e contribuíram fortemente para o desenrolar da tragédia imensa que aniquilou algumas vidas, subverteu todas as liberdades e lançou na desolação e na miséria aquela Colónia tão vasta e outrora de população tranquila e laboriosa.

Porque espera o novo Governo?

Não tem a prova do tremendo fracasso, constituído por um sem número de erros, esbanjamentos, tiranias, violências, ilegalidades — que é o grosso da obra disforme e tórica de Vitor Hugo?

Tem. Deve-lá. A *Batalha* passou em revista todas as fases do conflito ferroviário; mas não desrespeitou os problemas administrativos, e em ambos os campos inundou de luz vivissima o abismo para que Moçambique estava resvaladão, empurrada pelo mao senil e despótica de Azevedo Coutinho.

Cometeu todas as violências, praticou todos os erros, agachou-se perante as ordens ou desejos diamanados do Terreiro do Paço, estrangulou as mais sagradas regalias individuais e colectivas, espinhou e amordou a imprensa livre, subornou todos os vadios e comilões que há muito andavam à procura de dono.

Assim, contra a letra expressa da Carta Orgânica, expulsou de Moçambique homens sem culpa formada e sem culpa encontra; substituindo-se aos tribunais, deportou para Lisboa e para a fortaleza de São Sebastião de Moçambique, dezenas de operários; sem causa real ou aparente, encarcerou os calabouços de centenas de trabalhadores; apoderou-se do edifício das classes produtoras; suspendeu os jornais *O Emancipador* e *O Direito*, pondo a premo a maioria das cabecetas dos jornalistas que os dirigiam e que tiveram de procurar na fuga a sua liberdade, lancou fora dos C. F. L. M. cerca de 400 operários antigos, para os substituir por magistrados e reformados; e tomou a seu sólido um indivíduo preso no Niassa por entendimentos em 1918, com os alemães, individuo a quem mandou fornecer material tipográfico da Imprensa Nacional, a fim de o defender e denunciar todos aqueles que se não conformassem com a sua política facciosa, prepotente e, nefasto, esbanjadora.

Ninguém ignora isto. A *Batalha* relata-o minuciosamente. Outros jornais fizem-se eco do estado caótico, da asfixia financeira que esmagava Moçambique. No Parlamento requereram-se interpellações, cujo simples enunciado puzeram o Ministério em tremores, em sobressalto, levando-o a chamar imediatamente a Lisboa o responsável pelos terríveis desmandos que se estavam dando na África Oriental Portuguesa.

## A Ordem dos advogados, suas atribuições e disposições legais

Foi já para o Diário do Governo o decreto criando a Ordem dos Advogados, que fica constituindo uma pessoa jurídica com sede em Lisboa, formada por todos os advogados do continente da República e Ilhas Adjacentes. A Ordem tem por fim: Determinar quais são as pessoas que estão habilitadas a exercer a advocacia no continente e ilhas adjacentes; defender os direitos, inimizades e interesses dos seus membros; exercer o poder disciplinar sobre os advogados, por forma a assegurá-los o prelégio da classe e a garantir-se a observância das boas normas de conduta profissional; contribuir para o progresso do direito e para o aperfeiçoamento das instituições judiciais, e auxiliar a administração da justiça. A Ordem realizará os seus fins por intermédio de assembleias, conselhos e delegações. Haverá uma assembleia geral constituída por todos os advogados inscritos que funcionarão em Lisboa, e assembleias distritais, constituídas por todos os advogados de cada distrito judicial, que influenciarão nas sedes das relações. Haverá também um conselho geral em Lisboa e conselhos distritais, igualmente nas sedes das Relações. Entre outras disposições, o decreto refere-se ainda às penas disciplinares a aplicar pela Ordem que são as seguintes: advertência, censura, multa de 100 escudos a 10 contos, suspensão de três meses a um ano e expulsão.

O governo publicará a seguir um regulamento para a execução deste diploma.

## Comissão Socialista de S. Estevão

Reuniu tendo protestado contra a tentativa do restabelecimento do ensino religioso nas escolas e do reconhecimento da personalidade jurídica da igreja.

## MANUEL VIEGAS GARRASCA

Por uma exquita determinação superior, este nosso camarada é removido hoje da cadeia do Limoero para o Forte de Monsanto, onde aguarda a visita dos seus camaradas e amigos.

## As proezas da aviação

PARIS, 11. — O tenente-aviador Thoret realizou a travessia dos Alpes numa simples avioneta de turismo, de 40 cavalos de força. (L.)

## A sala-palratório

que se pretende estabelecer nas cadeias civis é um sistema anti-humano

De um preso das cadeias civis recebemos cópia de uma carta aberta dirigida ao sr. ministro da justiça. A pedido, e porque reconhecemos a sua razão, publicamos essa carta integralmente:

**Ao senhor ministro da Justica:** — A atitude que v. ex.<sup>a</sup> tomou para com os presos da Cadeia do Limoero, sancionando um parecer da Inspeção Geral das Prisões, obriga-nos a tomar uma atitude que estamos certos v. ex.<sup>a</sup> tentará modificar, e para a favor da imprensa, a despeito das visões do Norte, alapardou-se.

É preciso demitir três secretários provinciais que fôram as almas tenebrosas de Vitor Hugo e os seus inspiradores e instigadores nas prepotências cometidas pelo alto comensal.

Um... Bartolomeu Severino—alma de feira, instinto de chacal, autor de parceria com Craveiro Lopes e Avelar Ruas, do va-ga fantasma e responsável pela agressão a Costa Fidalgo e dois ingleses levada a efeito por soldados negros,—é um político demócrata, democrático de gema, ignorante, carregando-se com a travessa da Águia da Flôr; outro,—. Ribeiro Gomes—o que tinha à sua ordem o "saco sem fundo do prémio das transferências"—de onde se alimentava a imprensa venal, tem também praça assente no democratismo agora es-corrado do poder, o último, o do fomento, foi o portador, para o Conselho Executivo, dessa reorganização monstruosa que esbulhou a família ferroviária das suas anteriores regalias, regalias que, na sua maioria, tinham sido dadas ao operariado de Lourenço Marques pelo general sr. Massano de Amorim.

Tais homens não podem continuar a merecer a confiança do novo governo, se este, como diz, deseja viver em boa harmonia com as massas operárias.

A massa operária do país, em centenas de reuniões, de telegramas e de moções, já tinha exigido a demissão de Azevedo Coutinho quando no ministério das Colónias estava um democrático. A massa operária de Moçambique, e com ela, a *Batalha* bem como tódas a opinião da população honesta de Moçambique, de há muito, com a queda do alto comissário Vitor Hugo, vem exigindo as demissões dos secretários provinciais Bartolomeu Severino, J. Ribeiro Gomes, Craveiro Lopes e do director do Caminho de Ferro Avelar Ruas e da sua alma danada, condutor Oliveira Cabral.

Com estas medidas necessárias e imprescindíveis, uma ampla obra de liberdade, de justiça e de humanidade se impõe ao novo governo:

Assim, contra a letra expressa da Carta Orgânica, expulsou de Moçambique homens sem culpa formada e sem culpa encontra; substituindo-se aos tribunais, deportou para Lisboa e para a fortaleza de São Sebastião de Moçambique, dezenas de operários; sem causa real ou aparente, encarcerou os calabouços de centenas de trabalhadores; apoderou-se do edifício das classes produtoras; suspendeu os jornais *O Emancipador* e *O Direito*, pondo a premo a maioria das cabecetas dos jornalistas que os dirigiam e que tiveram de procurar na fuga a sua liberdade, lancou fora dos C. F. L. M. cerca de 400 operários antigos, para os substituir por magistrados e reformados; e tomou a seu sólido um indivíduo preso no Niassa por entendimentos em 1918, com os alemães, individuo a quem mandou fornecer material tipográfico da Imprensa Nacional, a fim de o defender e denunciar todos aqueles que se não conformassem com a sua política facciosa, prepotente e, nefasto, esbanjadora.

Será isto exigir muito?

Não é. Os ferroviários de Lourenço Marques e as pessoas que tiveram a coragem moral de terçar armas por elas, foram verdadeiros mártires, alvos de todas as violências, de todas as tiranias.

Houve quem se revoltasse?

Também em Fevereiro se revoltaram, em Almada, civis e militares, e todos eles já gosam o sol da liberdade.

Não se solicitam favores: — Aponta-se o dever, exige-se justiça.

Assembleia de 1918, das Cadeias e todos eles têm mantido a suspensão deste abominável artigo do Regulamento.

Mas, o que é para lamentar mais, é que logo no mesmo dia em que v. ex.<sup>a</sup> tomou posse, alguém, cujos fins são fáceis de desvendar, apresentou a v. ex.<sup>a</sup> e certamente de afogadilho (sem dar tempo a que v. ex.<sup>a</sup> estudasse o caso) esse "parecer".

Seria bom que antes tivesse começado por historiar as graves irregularidades passadas dentro do Econômato das Cadeias, lembrando a conveniência dum sindicância às mesmas. Não fizeram isso — o seu jogo é outro. Pretendem-nos revoltar! e, revoltar-nos; porque nos querem tirar aquilo que temos de mais sublime e de mais belo dentro do nosso enclosamento — visitas diárias de nossas famílias.

Assembleia de 1918, das Cadeias e todos eles têm mantido a suspensão deste abominável artigo do Regulamento.

Seria bom que antes tivesse começado por historiar as graves irregularidades passadas dentro do Econômato das Cadeias, lembrando a conveniência dum sindicância às mesmas. Não fizeram isso — o seu jogo é outro. Pretendem-nos revoltar! e, revoltar-nos; porque nos querem tirar aquilo que temos de mais sublime e de mais belo dentro do nosso enclosamento — visitas diárias de nossas famílias.

Assembleia de 1918, das Cadeias e todos eles têm mantido a suspensão deste abominável artigo do Regulamento.

Seria bom que antes tivesse começado por historiar as graves irregularidades passadas dentro do Econômato das Cadeias, lembrando a conveniência dum sindicância às mesmas. Não fizeram isso — o seu jogo é outro. Pretendem-nos revoltar! e, revoltar-nos; porque nos querem tirar aquilo que temos de mais sublime e de mais belo dentro do nosso enclosamento — visitas diárias de nossas famílias.

Assembleia de 1918, das Cadeias e todos eles têm mantido a suspensão deste abominável artigo do Regulamento.

Seria bom que antes tivesse começado por historiar as graves irregularidades passadas dentro do Econômato das Cadeias, lembrando a conveniência dum sindicância às mesmas. Não fizeram isso — o seu jogo é outro. Pretendem-nos revoltar! e, revoltar-nos; porque nos querem tirar aquilo que temos de mais sublime e de mais belo dentro do nosso enclosamento — visitas diárias de nossas famílias.

Assembleia de 1918, das Cadeias e todos eles têm mantido a suspensão deste abominável artigo do Regulamento.

Seria bom que antes tivesse começado por historiar as graves irregularidades passadas dentro do Econômato das Cadeias, lembrando a conveniência dum sindicância às mesmas. Não fizeram isso — o seu jogo é outro. Pretendem-nos revoltar! e, revoltar-nos; porque nos querem tirar aquilo que temos de mais sublime e de mais belo dentro do nosso enclosamento — visitas diárias de nossas famílias.

Assembleia de 1918, das Cadeias e todos eles têm mantido a suspensão deste abominável artigo do Regulamento.

Seria bom que antes tivesse começado por historiar as graves irregularidades passadas dentro do Econômato das Cadeias, lembrando a conveniência dum sindicância às mesmas. Não fizeram isso — o seu jogo é outro. Pretendem-nos revoltar! e, revoltar-nos; porque nos querem tirar aquilo que temos de mais sublime e de mais belo dentro do nosso enclosamento — visitas diárias de nossas famílias.

Assembleia de 1918, das Cadeias e todos eles têm mantido a suspensão deste abominável artigo do Regulamento.

Seria bom que antes tivesse começado por historiar as graves irregularidades passadas dentro do Econômato das Cadeias, lembrando a conveniência dum sindicância às mesmas. Não fizeram isso — o seu jogo é outro. Pretendem-nos revoltar! e, revoltar-nos; porque nos querem tirar aquilo que temos de mais sublime e de mais belo dentro do nosso enclosamento — visitas diárias de nossas famílias.

Assembleia de 1918, das Cadeias e todos eles têm mantido a suspensão deste abominável artigo do Regulamento.

Seria bom que antes tivesse começado por historiar as graves irregularidades passadas dentro do Econômato das Cadeias, lembrando a conveniência dum sindicância às mesmas. Não fizeram isso — o seu jogo é outro. Pretendem-nos revoltar! e, revoltar-nos; porque nos querem tirar aquilo que temos de mais sublime e de mais belo dentro do nosso enclosamento — visitas diárias de nossas famílias.

Assembleia de 1918, das Cadeias e todos eles têm mantido a suspensão deste abominável artigo do Regulamento.

Seria bom que antes tivesse começado por historiar as graves irregularidades passadas dentro do Econômato das Cadeias, lembrando a conveniência dum sindicância às mesmas. Não fizeram isso — o seu jogo é outro. Pretendem-nos revoltar! e, revoltar-nos; porque nos querem tirar aquilo que temos de mais sublime e de mais belo dentro do nosso enclosamento — visitas diárias de nossas famílias.

Assembleia de 1918, das Cadeias e todos eles têm mantido a suspensão deste abominável artigo do Regulamento.

Seria bom que antes tivesse começado por historiar as graves irregularidades passadas dentro do Econômato das Cadeias, lembrando a conveniência dum sindicância às mesmas. Não fizeram isso — o seu jogo é outro. Pretendem-nos revoltar! e, revoltar-nos; porque nos querem tirar aquilo que temos de mais sublime e de mais belo dentro do nosso enclosamento — visitas diárias de nossas famílias.

Assembleia de 1918, das Cadeias e todos eles têm mantido a suspensão deste abominável artigo do Regulamento.

Seria bom que antes tivesse começado por historiar as graves irregularidades passadas dentro do Econômato das Cadeias, lembrando a conveniência dum sindicância às mesmas. Não fizeram isso — o seu jogo é outro. Pretendem-nos revoltar! e, revoltar-nos; porque nos querem tirar aquilo que temos de mais sublime e de mais belo dentro do nosso enclosamento — visitas diárias de nossas famílias.

Assembleia de 1918, das Cadeias e todos eles têm mantido a suspensão deste abominável artigo do Regulamento.

Seria bom que antes tivesse começado por historiar as graves irregularidades passadas dentro do Econômato das Cadeias, lembrando a conveniência dum sindicância às mesmas. Não fizeram isso — o seu jogo é outro. Pretendem-nos revoltar! e, revoltar-nos; porque nos querem tirar aquilo que temos de mais sublime e de mais belo dentro do nosso enclosamento — visitas diárias de nossas famílias.

Assembleia de 1918, das Cadeias e todos eles têm mantido a suspensão deste abominável artigo do Regulamento.

Seria bom que antes tivesse começado por historiar as graves irregularidades passadas dentro do Econômato das Cadeias, lembrando a conveniência dum sindicância às mesmas. Não fizeram isso — o seu jogo é outro. Pretendem-nos revoltar! e, revoltar-nos; porque nos querem tirar aquilo que temos de mais sublime e de mais belo dentro do nosso enclosamento — visitas diárias de nossas famílias.

Assembleia de 1918, das Cadeias e todos eles têm mantido a suspensão deste abominável artigo do Regulamento.

Seria bom que antes tivesse começado por historiar as graves irregularidades passadas dentro do Econômato das Cadeias, lembrando a conveniência dum sindicância às mesmas. Não fizeram isso — o seu jogo é outro. Pretendem-nos revoltar! e, revoltar-nos; porque nos querem tirar aquilo que temos de mais sublime e de mais belo dentro do nosso enclosamento — visitas diárias de nossas famílias.

Assembleia de 1918, das Cadeias e todos eles têm mantido a suspensão deste abominável artigo do Regulamento.

Seria bom que antes tivesse começado por historiar as graves irregularidades passadas dentro do Econômato das Cadeias, lembrando a conveniência dum sindicância às mesmas. Não fizeram isso — o seu jogo é outro. Pretendem-nos revoltar! e, revoltar-nos; porque nos querem tirar aquilo que temos de mais sublime e de mais belo dentro do nosso enclosamento — visitas diárias de nossas famílias.

Assembleia de 1918, das Cadeias e todos eles têm mantido a suspensão deste abominável artigo do Regulamento.

Seria bom que antes tivesse começado por historiar as graves irregularidades passadas dentro do Econômato das Cadeias, lembrando a conveniência dum sindicância às mesmas. Não fizeram isso — o seu jogo é outro. Pretendem-nos revoltar! e, revoltar-nos; porque nos querem tirar aquilo que temos de mais sublime e de mais belo dentro do nosso enclosamento — visitas diárias de nossas famílias.

Assembleia de 1918, das Cadeias e todos eles têm mantido a suspensão deste abominável artigo do Regulamento.

Seria bom que antes tivesse começado por historiar as graves irregularidades passadas dentro do Econômato das Cadeias, lembrando a conveniência dum sindicância às mesmas. Não fizeram isso — o seu jogo é outro. Pretendem-nos revoltar! e, revoltar-nos; porque nos querem tirar aquilo que temos de mais sublime e de mais belo dentro do nosso enclosamento — visitas diárias de nossas famílias.

Assembleia de 1918, das Cadeias e todos eles têm mantido a suspensão deste abominável artigo do Regulamento.

Seria bom que antes tivesse começado por historiar as graves irregularidades passadas dentro do Econômato das Cadeias, lembrando a conveniência dum sindicância às mesmas. Não fizeram isso — o seu jogo é outro. Pretendem-nos revoltar! e, revoltar-nos; porque nos querem tirar aqu